

## CRENDICES

O povo, com a sua sabedoria cada vez mais divulgada e estudada, sempre cercou o pão - alimento básico não somente do mundo ocidental como em grande parte do oriental - das mais carinhosas e significativas atenções, o que explica a universalidade das incidências do pão no folclore, com suas superstições, eufemismos, provérbios, adivinhas, locuções populares, etc.

Ensina o mestre Luís da Câmara Cascudo (7/560) que, ao Brasil, como não poderia deixar de ser, essas tradições e superstições vieram de Portugal. A fabricação do pão quase que obedecia a um ritual próprio com as suas cerimônias, cruzeiros nas massas, ensalmos para crescer, afogar, dourar a crosta também foram correntes entre nós, principalmente quando o pão era cozido nas residências. Com a industrialização da farinha de trigo, essas tradições e superstições foram desaparecendo nos centros mais populosos mas ainda persistem na zona rural de países da Europa e até no sul do Brasil onde o trigo é cultivado e o pão continua sendo feito em casa, hábito trazido pelos colonos italianos, alemães e portugueses.

Vejam como o povo, folcloricamente, procede com relação ao pão.

Não se deve atirar pão fora. A prática deste ato significa que a pessoa que assim procede irá passar fome no futuro, quando não terá nem aquele pedaço de pão que jogou fora para matar a fome.

Quando o pão cai da mão de uma pessoa, inadvertidamente, significa que algum membro da família está passando necessidade, necessidade tanto maior quanto maior for a distância entre o pedaço de pão caído e a pessoa que estava com o pão.

Na comunidade de São Luís do Paraitinga, Estado de São Paulo, Alceu Maynard Araújo (8/1,458) recolheu quatro crendices referentes ao pão, sendo as três últimas inteiramente desconhecidas no Nordeste:

1. Jogar fora o pão dá azar, chama miséria. Deve-se queimá-lo. Trata-se de uma variante do que encontramos no Nordeste, enriquecida na sua parte final quando é aconselhada a queima do pão jogado fora, ato que mais uma vez demonstra o poder purificador do fogo presente em quase todas as religiões, usado como círios, velas, lamparinas, fogueiras, significando o fogo do inferno purificando as almas pecadoras.

2. Se um pão cai no chão e não se vai comê-lo, (deve-se) apanhá-lo, beijá-lo depois, jogá-lo fora. Trata-se de uma crendice através da qual podemos vislumbrar o rito protetivo da medicina que diz ser a terra, impura, suja.

3. Nunca se deve deixar o pão virado sobre a mesa, chama pobreza.

4. Quem comer a ponta (o bico) do pão costumeiramente, não se casará.

No Arquipélago da Madeira o Visconde do Pôrto da Cruz (8/7) registrou, em 1954, estas crendices a respeito do trigo do pão. Descrevendo, com uma impressionante riqueza de detalhes, um casamento entre filhos de camponeses o etnógrafo português, referindo-se aos acompanhantes da cerimônia, diz, textualmente: "Ao caminho afluem os amigos da noiva, os trabalhadores que, por um momento, largam a enxada e os mil curiosos que felicitam os recém-casados e lhe atiram com flores e trigo, simbolismo de votos para que tenham boa sorte. "

Comentando, mais adiante, o problema universal do ciúme, o Visconde do Pôrto da Cruz (8A/13) menciona este remédio para o marido infiel esquecer a outra: "Um dos preceitos

indicados pelas "bruxas" consiste em fazer que a ciumenta coloque debaixo do braço esquerdo (onde fica mais perto do coração, creio), bem aconchegado ao corpo, um pedaço de pão que o "infiel" depois virá a comer." É um santo remédio, dizem. Não acredito muito é que o marido paquera consiga comer o pão sem desconfiar de nada.

Fonte: MAIOR, Mário Solto. *Em torno de uma possível etnografia do pão*. Recife: edição do autor, 1971. 96p.